

humanitas

Vol. XXVII-XXVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXVII E XXVIII



COIMBRA
MCMLXXV-MCMLXXVI



cerâmicas de cronologia incerta. Vêm depois os quadros cronológicos, precedidos de notas explicativas, onde nos é dada esquematicamente a posição que cada peça-tipo ocupa no espaço e no tempo. Depois da invasão dos suevos (em 465 ou 468) a vida de Conímbriga entrou em declínio, de modo que poucos materiais pertencem à época dos bárbaros.

A ilustrar a maior parte das peças descritas temos LXXX páginas estampadas, com 1075 desenhos, 59 fotografuras a preto e branco e 9 a cores (incluindo a primeira, que se encontra no anterrosto: um vaso ritual fálico, descrito sob o n.º 609 nas pp. 103-105).

A valorizar esta tese de doutoramento temos ainda a inclusão de um «relatório sobre a análise científica das pastas» (pp. 173-202), pela dr.^a Maria Teresa Seixas, investigadora da Fundação Calouste Gulbenkian.

Como é natural, a descrição de objectos que provêm da época romana de Conímbriga deparou também com alguns problemas linguísticos. As estampas LXI-LXIII reproduzem grafitos de 27 peças, em alguns dos quais é possível dividir palavras completas. A sua leitura e interpretação virá a constituir um volume à parte, o II, do relatório geral sobre as escavações luso-francesas de 1964 a 1971.

Há, no entanto, outro confronto com o latim: — é quando se procura fixar a nomenclatura das formas (pp. 32-35). Aí se tenta ajustar a melhor denominação portuguesa com a designação latina, servindo de referência, principalmente, o *De re coquinaria*, de Apício. Notamos que as *tigelas* ou *malgas* são apontadas sob 6 nomes latinos diferentes — e talvez fosse possível aqui encontrar equivalências mais diversificadas. Em contrapartida, há objectos como *copo*, *cântaro* e *pote* cujo equivalente latino não vem mencionado.

De interesse também a referência às *tabellae defixionum*, a propósito do *phalus* (pp. 103-104). Supomos que está errada a transcrição: *perfeci*, numa legenda em que se aclama o final de uma construção doméstica: *Intra, fruer<e> baias quas perfici denegabas*. Entendemos que se trata do infinito passivo *perfici*, e não do perfeito activo *perfeci* (p. 104).

Notamos a falta, pelo menos, de um índice bibliográfico e de outro onomástico. O próprio índice geral é omissivo sobre a diversidade de gravuras que se encontram na parte final, a partir da p. 208.

O livro constitui o vol. 8 dos Suplementos de *Biblos*, revista da Faculdade de Letras de Coimbra, e está ricamente documentado com bibliografia, mesmo a mais recente, e com tão numerosas e perfeitas gravuras.

JOSÉ GERALDES FREIRE

J. B. SKEMP, *Plato, (Greece and Rome. New Surveys in the Classics n.º 10)*. Oxford, at Clarendon Press, 1976. 63 pp.

O incremento que os estudos platónicos têm ultimamente tomado fazem cada vez mais sentir a necessidade de instrumentos bibliográficos que não sejam meramente informativos mas também críticos e selectivos. É nessa linha de orientação que se insere este trabalho do Prof. Skemp, reunindo o que de melhor se tem publicado em língua inglesa (com ocasionais referências a outras obras em língua francesa ou alemã) sobre Platão. Seria contudo errado encarar a presente obra como «bibliografia» — designação que, aliás, expressamente se rejeita (p. 3); tão importante como o material bibliográfico citado é sem dúvida a síntese que o A. se propõe dar dos principais aspectos e actuais tendências da investigação platónica. Conjugando estes dois objectivos, o Prof. Skemp apresenta uma obra de real interesse que, não obstante as limitações aludidas (p. 3), constitui um balanço muito significativo da chamada «questão platónica» nos nossos dias. Analisemos sumariamente os tópicos tratados.

No cap. I, «Introduction», dá-se uma pormenorizada panorâmica bibliográfica em geral, incluindo estudos, edições, léxicos, comentários, etc.. No cap. II, «The Platonic Corpus», discutem-se sucessivamente problemas de autenticidade (com particular relevo para a *Carta VII*), da ordem dos diálogos, dos *ἀγραφα δόγματα*, as «doutrinas não escritas». «Plato, Socrates and the Sophists», cap. III, trata a questão da figura histórica de Sócrates, das relações entre Sócrates e Platão, Sócrates e os Sofistas, à luz dos diálogos platónicos. No cap. IV, «Plato and Politics», analisam-se em especial as controvérsias suscitadas à volta da doutrina «comunizante» ou «fascizante» dos principais diálogos visados, *República* e *Leis*. O capítulo seguinte, «Plato's Metaphysical System: the Forms», trata respectivamente o problema dos «universais» em Sócrates (a definição socrática), a relação entre a teoria das Ideias, *anamnesis* e conhecimento, e ainda algumas dificuldades levantadas pelos últimos diálogos, nomeadamente o problema do Não-Ser e o chamado «argumento do terceiro homem». O cap. VI, «Plato's Theory of Knowledge» (título inspirado na obra homónima de Cornford), tem sobretudo por objecto questões específicas do conhecimento no *Sofista* e no *Teeteto*. Segue-se um capítulo sobre Psicologia, Estética e Ética («Psychology, Aesthetics and Ethics»), onde merece destaque a análise da noção de *psyche* e a breve, mas sugestiva perspectiva da ética platónica, em confronto com a noção de justiça e o conceito de prazer. O cap. VIII, «Plato's Physics: the *Timaeus*», incide em aspectos de conteúdo do referido diálogo, que servem também de fundamento para uma datação tardia da obra (contra G. E. L. OWENS, «The Place of the *Timaeus* in Plato's Dialogues», *C.Q.N.S.* 2 [1953], 79-95). A relação entre as Formas e a teologia platónica (baseada, segundo o A., numa «espécie de fé teística numa divindade pessoal», p. 60) é objecto de análise no cap. IX, «Plato's Theology: the Ultimate Cause», orientado para a conclusão de que a Ideia do Bem não substitui a noção de Divindade como *ἀρχή κινήσεως*. Por último, o cap. X, «The Latest Phase: The Unwritten Doctrines», retoma um tópico já aflorado no cap. II, reforçando, com argumentos mais circunstanciados, a posição negativa

do A. quanto a uma sobrevalorização das «doutrinas não escritas», modernamente consagrada na obra de Findlay, *Plato, the Written and Unwritten Doctrines*, London, 1974.

Não podemos obviamente nesta enumeração acompanhar o que consideramos qualidades fundamentais deste estudo: a profundidade e o rigor das análises apresentadas, a extensa documentação aduzida, a inteligente relação de todo um material bibliográfico que orienta de forma sugestiva a leitura de obras de fundo mais frequentemente invocadas. Estão neste caso estudos de conjunto, como os de Friedländer, Crombie, Findlay e, sobretudo, de Guthrie cujas teses o A. segue de bastante perto; estudos sobre temas específicos, como os de Cornford; colectâneas, como as de Vlastos, sobre Sócrates e Platão; trabalhos de revistas especializadas em temas de filosofia platónica (entre outras, a revista *Phronesis*).

É ainda de salientar o propósito de desenvolver certos aspectos mais complexos ou cuja explanação se afigura de maior utilidade; assim, no que respeita ao *Corpus Platonicum*, a questão da autenticidade das *Cartas* (e em especial da *Carta VII*) tem de longe um desenvolvimento mais importante que o conjunto dos outros diálogos. Objecto também de larga particularização é a cronologia dos diálogos e o problema dos *ἄγγραφα δόγματα* (que têm aliás um capítulo expressamente dedicado). Na mesma linha de ideias, o tema da Metafísica merece o mais longo e porventura mais denso tratamento, em contraste com o capítulo consagrado à Psicologia, Estética e Ética.

Em questões especialmente controversas, o A. tende em geral a assumir uma posição moderada, por vezes aduzindo argumentos pessoais de peso: é assim que, por exemplo, em «Plato's Politics» se alega a maior «benevolência» com que nos últimos diálogos Platão parece encarar o primitivo regime da democracia em Atenas (p. 30). Os caps. VIII e IX são conduzidos numa óptica um tanto particularizante, mas de óbvio interesse para os temas em causa. Especialmente feliz é a discussão do último desses temas, onde se toma posição claramente negativa quanto a ser a Ideia do Bem a causa final, *ἀρχὴ κινήσεως* (pp. 58-59).

Um ou outro ponto se ressentirá porventura da extrema condensação deste trabalho. Estamos longe de concordar com o pouco relevo dado à Estética (pp. 49-50), genericamente circunscrita em breves linhas ao conceito da arte / mimese e às considerações críticas que Platão expende na *República* e nas *Leis*. Outros aspectos importantes para uma visão (mesmo genérica) do tema poderiam ter sido referenciados: assim por exemplo (para já não falar do conceito do poeta inspirado no *Íon* e no *Fedro*, a que noutro contexto o A. alude), a noção do poeta como *mythopoios* (*Fédon*, 61b; cf. *Banquete* 205 b-c), ou a famosa questão das relações entre a tragédia e comédia, que no *Banquete* parecem encarar-se de forma diversa da tradicional (vd. especialmente 223d) (1).

(1) Seria difícil (e talvez inútil) determinar, pelo próprio carácter dramático de ambos os diálogos, em que medida o *Banquete* exprime uma posição contrária à da *República* (lembre-se, por exemplo, o elogio dos poetas a par dos legisladores em 209d). Seja como for, o que interessa acentuar é o contributo relevante que este diálogo apresenta na reflexão platónica do drama (como aliás da *poiesis* em geral),

Cremos que também valeria a pena incluir, no excelente apanhado que se faz da noção platónica de *ψυχή*, algumas modernas tentativas de interpretação psicanalítica. Citamos concretamente a tese de Yvon Brès, *La Psychologie de Platon* (Paris, P.U.F., 21968) que, apesar dos seus muitos aspectos discutíveis, não deixa de representar um marco importante desta actual tendência. (2)

Outro reparo, este meramente factual, ocorre ainda a propósito do *Hippias Maior*. A única edição de vulto de que temos conhecimento é a de Dorothy Tarrant (Cambridge, 1928) — recentemente reimpressa pela Livraria Arno. Tanto quanto julgamos saber, a obra de Marion Soreth (que só indirectamente conhecemos), não é uma edição mas um estudo, que, de resto, mesmo entre adeptos da autenticidade, não suscitou grande entusiasmo.

De qualquer forma, estes ou outros reparos que possam fazer-se — e um trabalho desta natureza está mais do que qualquer outro sujeito a eles — em nada diminui a alta qualidade deste «sumário», que, não será necessário insistir, só um bom especialista de Platão poderia com êxito levar a cabo. E embora modestamente se recuse o título de bibliografia, o certo é que as frequentes remissões para outros instrumentos bibliográficos (*Lustrum*, Saunders ou mesmo Guthrie, por exemplo), bem como a sua extrema actualização — chegam a ser citadas obras de 1976 — tornam este trabalho uma das mais válidas perspectivas de conjunto sobre os estudos platónicos nos nossos dias.

MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO

contributo esse que tem vindo a ser sublinhado em estudos como os de G. Krüger *Einsicht und Leidenschaft*, Frankfurt, 31963, G. L. Koutroumboussis «Interpretation der Aristophanesrede im Symposion Platons», *Πλάτων*, 1968, 194-211, e F. R. Adrados, «El Banquete platónico y la teoría del teatro», *Emerita* 37 (1969), 1-19, entre outros. Quanto ao conceito de mimese e às relações entre arte e sociedade em Platão, há bibliografia mais recente que, a nosso ver, um estudo desta natureza comporta. Assim por exemplo G. Sörbom, *Mimesis and Art*, Stockholm, 1968. Outras sugestões de interesse poderão colher-se em J. Dalfen, *Polis und Poiesis*. München, 1974.

(2) Não queremos com isto esquecer, é evidente, o valor de algumas aproximações que, numa perspectiva mais ou menos crítica, têm sido tentadas, especialmente entre a doutrina platónica de *eros* no *Banquete* e no *Fedro*, e a noção freudiana de sublimação. Assim, por exemplo Cornford, em «The Doctrine of Eros in Plato's Symposium» (*The Unwritten Philosophy*, Cambridge, 1967 pp. 68-82, reproduzido em *Plato II*, ed. by Vlastos, London, 1971, pp. 119-131, e Th. Gould em *Platonic Love*, London, 1963 — estudos que aliás o A. oportunamente menciona.